

## UMA PROPOSTA DE LEITURA CHAMADA LIVRO E SUAS RELAÇÕES PERIGOSAS<sup>1</sup>

CELSO SISTO<sup>2</sup>

A imprevisibilidade faz parte do processo artístico... sempre! É impossível, para qualquer criador, controlar todas as partes do processo artístico. Mesmo o literário, ele precisa do outro para se completar. Por mais que o destinatário venha previsto no texto (a teoria literária tem nomes bem bonitos pra isso! Narratário, por exemplo é um desses nomes!) ele de fato só se efetiva com a presença física do outro. Obras belíssimas, fechadas e inacessíveis ocupam o mesmo lugar de obras ruins e igualmente não lidas.

Então, a literatura infantil, como uma literatura de constituição do leitor também deve estar preocupada com a formação desse leitor do texto escrito e da imagem. Ainda vivemos, nesse processo, sob a primazia da formação do leitor do texto escrito. É preciso “treinar” esse leitor para ler imagens. Mais do que isso! É preciso exercitar esse leitor para ler texto escrito e imagem como partes de um mesmo binômio! No caso do livro infantil, partes inseparáveis.

Essa leitura, nunca pode ser dogmática, fechada, redutora. O Rui de Oliveira diz: “o que mais nos encanta e seduz ao olharmos uma ilustração não é ver o que estamos vendo. Na verdade, o que nos atrai não é necessariamente aquilo que o ilustrador fez. Por mais estranho que possa parecer, o que desperta o interesse do olhar é aquilo que supomos que estamos vendo” (OLIVEIRA, 2008. p. 27). A leitura literária transita sempre pelo terreno das suposições! Ela é sempre uma leitura em suspensão! Esperando ser efetivada. E essa efetivação conta com o arsenal de leituras e imagens do leitor, evidentemente! Aquele complexo de tudo o que está guardado na memória do leitor.

O referido ilustrador fala de um poder de *pregnância* da imagem. *Pregnância* está ligado à fertilidade da imagem... A imagem que estimula e produz outras imagens. Mas eu quero defender aqui também o poder de *impregnância* da **palavrimagem**... Esse texto e imagem em diálogo têm necessariamente que ter esse poder de impregnar o imaginário do leitor. O poder da permanência, do eco,

da reverberação e da explosão. A comunicação com o leitor é ponto básico, sabemos, mas a “impregnância “ é maior que a simples comunicação; é o poder de deixar marcas.

Eu, como escritor e ilustrador, estou interessado em combater o imediatismo da leitura das imagens! Por isso é preciso ensinar a ler, a ler texto e imagem em conjunto!.

O processo de escritura é um processo solitário, sabemos... Mas o processo de planejamento de um livro é um processo coletivo (no sentido de convocar vários profissionais, que muitas vezes nunca se encontram, mas participam do mesmo projeto!). Poderia ser mais coletivo, se as editoras quisessem... O processo de criação das ilustrações também é um processo solitário. Mas o processo de confecção do livro também poderia ser mais coletivo. Se depois de “esboçados”, textos e imagens, os criadores se reunissem, via editora, para pensarem o livro juntos, os acertos poderiam ser maiores. Quero inclusive aproveitar para lembrar do banimento da famosa “prova de impressão”, que antigamente as editoras faziam, e que hoje caiu no esquecimento! Talvez porque escritores e ilustradores não batam o pé nesta questão! Por que não se cobra mais isso das editoras? A desculpa é sempre o fator “tempo”; para agilizar o trabalho, para não atrasar mais a ida do livro para a gráfica. Respostas prontas, na ponta da língua!

O ilustrador é um leitor privilegiado, não nos esqueçamos disso! Ele é de algum modo, o primeiro leitor. Eu o chamo de **eleitor primevo** dos caminhos que vão conduzir a leitura do outro. Mas será que o editor, de algum modo, já não direciona a leitura do texto ao eleger para ele um determinado ilustrador? O escritor também, ao sugerir um ilustrador para seu texto não estaria igualmente direcionando essa primeira leitura? Ou de algum modo, definindo os primeiros passos, “elegendo” os códigos visuais que ele sabe que aquele ilustrador usa, tem, desenvolve, em seu trabalho?

Na verdade temos visto acontecer de tudo: projetos bem sucedidos e projetos mal sucedidos!

Por vezes vejo que há uma desigualdade entre a arte de ilustrar e o fenômeno poético - vou chamar assim a feitura do texto escrito. E isso não quer dizer que a feitura do texto visual não possa ser um fenômeno poético! -. Ou seja, nem sempre o ilustrador é um leitor experiente e preparado para estabelecer com o texto escrito uma relação que vá além da superficialidade. Por isso, alguns livros não passam da imagem descritiva. É o próprio Rui de Oliveira em seu artigo “Breve histórico da ilustração no livro infantil e juvenil”<sup>3</sup> (OLIVEIRA, 2008) que fala, de algum modo, em categorizações de dificuldades: ilustrar poesia é mais difícil. E isso não exige então um ilustrador-leitor experiente? Se há categorias para as dificuldades da ilustração, também há necessidade da experiência prévia!

Outro fenômeno que pesa é a pressão do tempo, em geral, curto para os ilustradores concluírem suas artes e enviarem para o editor! Isso quer dizer que por conta deste tempo, muitas vezes, exíguo, os ilustradores precisam apelar para as soluções fáceis. A experimentação formal exige um tempo maior e um deslocamento da acomodação.

Lembremos de um fenômeno observável nesses mais recentes eventos literários: a preocupação exagerada com a “embalagem”. Tenho visto uma desconsideração grande em relação ao texto escrito em detrimento do fenômeno da ilustração! Isso quer dizer: textos ruins em livros com ilustrações esplendorosas, porque no final das contas, o que vende hoje é a embalagem! Não vejo uma corrida das editoras à procura dos bons escritores de literatura infantil e juvenil, como vejo a correria em torno de um premiado ilustrador de literatura infantil e juvenil!

Do mesmo modo podemos pensar que nem todo bom escritor escreve sempre bons textos! O que deveria permear as ações não seria justamente o desafio? Uma obra não teria em si a função de romper com as expectativas? Isso deveria ser válido para toda a corrente: escritor, editor, ilustrador, leitor.

Não é só a ilustração que conta! Todos os elementos do projeto gráfico são igualmente importantes. Conheço trabalhos muito bons, que fracassam, porque o projeto gráfico não ficou totalmente na mão do ilustrador, ou seja, ele fez a ilustração, mas não pôde definir o formato, o tamanho, a fonte do texto, a fonte do

título, esses elementos, que se mal escolhidos, podem acabar com o trabalho do ilustrador! Podem desvalorizar todo o objeto livro! E o papel do editor de arte não faz falta nesse processo?

Apesar das etapas desse trabalho se darem em momentos diferentes, é preciso que haja uma afinidade entre escritor e ilustrador. Mas é preciso que haja também uma familiaridade entre ilustrador e a literatura... Isso é uma questão importantíssima! Por que se vê ilustradores tecnicamente maravilhosos e que não “casam” com determinado texto? Então, nível técnico não é a coisa mais importante. Rui de Oliveira fala, de algum modo, que o grau de dificuldade de uma ilustração narrativa está ligado ao intimismo, a sucessão de metáforas e as alegorias. Mas a literatura infantil não tem que lidar com isso o tempo todo, praticamente? E onde e como se treinam os ilustradores para lidarem com o texto escrito com intimidade, com familiaridade, com o estar à vontade no território das metáforas e das alegorias? Mas a ilustração eficaz para a literatura infantil não é exatamente aquela que equilibra a metáfora da metáfora<sup>4</sup>? Ou seja, a imagem puramente descritiva muitas vezes significa empobrecer o texto escrito! Tudo isso são considerações!!!!

Para usar uma expressão do referido ilustrador Rui de Oliveira, a “concreção visual” faz exatamente parte do desafio de ilustrar um livro, ou seja, concretizar visualmente, um determinado texto, uma determinada possibilidade de leitura... Lembrete do próprio Rui: “nem tudo pode ser ilustrado, nem tudo pode ter um corpo físico...” (OLIVEIRA, 2008, p. 22). Talvez essa seja a lição mais importante do trabalho de um ilustrador!!!! A margem do que não é dito, mas intuído, também se aplica à imagem. Então, a ilustração, mais do que revelar tem que **sugerir**.

Rui também diz que as sombras são mais reveladoras que as luzes e que a ilustração é uma sugestão ambígua” (OLIVEIRA, 2008, p. 27). E aprender a dizer muito com o mínimo é desafio do autor do texto e do autor das imagens.

Então, vamos falar agora em referências.... em códigos visuais, que é uma questão que me preocupa muito. Quer dizer, o que me preocupa é a questão da pasteurização. O Rui, que tem me guiado nessas reflexões, diz que a literatura,

assim como a imagem, é um prisma, não um espelho”(OLIVEIRA, 2008, p. 41). Mas há trabalhos que são sempre espelhos de uma individualidade... não necessariamente um promotor do diálogo entre texto e imagem. Pensemos: há ilustradores que se renovam à cada trabalho que realizam; outros que são ótimos, maravilhosos, mas se você viu um livro deles, viu todos! Seu estilo é mais forte do que qualquer texto que ele ilustre (se é que podemos chamar isso de estilo, marca pessoal não seria mais definidora? Mas é preciso ter cuidado para que estilo não vire estigma!). O texto pode ser dramático ou lírico, de aventura ou humor, se passar agora ou em outro tempo histórico, não importa, o “estilo” é sempre o mesmo! Ok, se isso muitas vezes faz o “nome” de um ilustrador, também muitas vezes empobrece seu processo criativo. Será que o ilustrador não deveria saber perceber o momento em que é preciso “arriscar” outras coisas, outras técnicas, outros códigos visuais? Eu tenho sempre a impressão de que isso deveria ser dado pelo texto escrito! Talvez eu esteja também considerando o texto escrito anterior ao texto proporcionado pela imagem... mas essa questão é puramente burocrática, uma vez que as imagens que compõem as referências do universo de um ilustrador-leitor, diz também Rui de Oliveira, se formaram lá no passado, lá atrás, lá no Mar Tenebroso, no Finisterra de cada um, para preencher exatamente as lacunas que nenhuma ilustração pode preencher. Então, ilustrar e escrever é projetar também lacunas para a mobilidade do imaginário do outro.

Uma coisa que me assusta um pouco ainda é o uso da computação como ferramenta principal da ilustração. Notem que eu disse ferramenta principal. A conjugação das ofertas técnicas é que é o grande barato. A mistura de elementos é enriquecedora e as ferramentas digitais podem ampliar em muito as soluções, as possibilidades. Mas uma ilustração colorida digitalmente nunca vai ser a mesma coisa que uma colorida manualmente. A arte manufaturada, em escala industrial tem que se aparelhar para lidar com a massificação, a vulgaridade e a fragilidade. Um primeiro passo é fazer livros que contribuam para formar de maneira consistente a memória também visual do pequeno leitor. Lembro sempre, diante desta questão da saída apontada por Rui de Oliveira, no texto já citado inúmeras vezes aqui por mim: para escapar dos modismos é preciso voltar

constantemente às origens, às fontes distantes e ainda límpidas. Fazer renascer, renovar, resgatar a eterna relação da palavra com a imagem, tendo o livro como objeto e como sujeito pessoal. Mas, fiquemos com uma pergunta imprevista, talvez de última hora: há de fato uma autonomia da imagem narrativa nos livros, em relação ao mercado editorial? Ou, dito de outra forma: há como fugir das referências estéticas, culturais e sociais de seu tempo?! E da imposição dos editores? E das amarras das “coleções” (todo ilustrador sabe o que isso significa: padrões já definidos!)

Na minha concepção a mercadoria livro reduz muitas vezes o espaço das experimentações formais, tanto para escritores como para ilustradores. Já o livro como objeto de arte recupera esse espaço. Mas esse é um terreno que depende muito do editor.

Se o ilustrador, como diz Rui de Oliveira, é um “pintor das palavras”, o escritor é o calígrafo das imagens... Por isso a soma das linguagens só pode gerar uma obra muito mais poderosa! Se não for assim, melhor não fazer! Se a soma não gerar uma carga explosiva, para afetar o leitor, a obra cai no vazio do instante... Leu, acabou, passou! “As imagens estão muito além de suas representações, de seus processos narrativos e descritivos – elas são dotadas de vida e inteligência próprias” (OLIVEIRA, 2008, p. 27). Mas é pelas mãos do escritor e do ilustrador que essas “imagens” verbais, poéticas, visuais, podem vir à tona! É preciso uma certa malícia para provocar isso. E esse não é exatamente o pressuposto desta arte, fazer isso tudo aparecer?

Para finalizar mesmo, quero citar um texto do escritor irlandês C.S. Lewis (o criador das crônicas de Nárnia): “a primeira leitura de uma obra literária para os literatos<sup>5</sup> é, com freqüência tão importante e significativa que apenas experiências como o amor, a religião ou o luto podem servir como parâmetros de comparação. Toda a sua consciência é alterada. Eles se transformam no que não eram antes” (LEWIS, 2009, p. 9).

Essa deveria ser a relação de quem escreve, de quem ilustra, de quem lê. A experiência vivida pela criação (seja ela verbal, visual ou efetivada pela leitura) é

realmente única! Mas recriar-se e renovar-se é tão válido para os escritores quanto para os ilustradores!

---

<sup>1</sup> - O artigo em questão foi escrito para o 2º DISCUSSÕES!, seminário promovido pela AEILIJ (Associação de escritores e ilustradores de literatura infantil e juvenil), cujo tema geral era "Diálogos texto-imagem". O debate aconteceu no dia 14 de setembro de 2009, na XIV Bienal do Livro do Rio de Janeiro, no Rio Centro, Auditório Cora Coralina, Mezanino Azul. O autor, convidado a exercer o papel de provocador, fez parte da mesa de debates, junto com o ilustrador Salmo Dansa, mediados pela escritora Anna Cláudia Ramos. A proposta desta mesa, pensada pelo ilustrador Maurício Veneza eram as relações imprevistas, de acordo com a seguinte ementa: na história em quadrinhos (como no cinema e no teatro) a imagem é algo previsto desde o início, o texto visível ao público é propositalmente incompleto para inclusão da imagem como parte integrante do todo. Na literatura infantil esta relação é, na maioria das vezes, imprevista, ou seja, surge numa outra etapa do processo. O texto é produzido para ser completo em si. As imagens vêm depois, numa parceria que é estabelecida pelas editoras. Como os provocadores presentes lidam com esta imprevisibilidade?

<sup>2</sup> - **CELSO SISTO** é escritor, ilustrador, contador de histórias do grupo Morandubetá (RJ), ator, arte-educador, especialista em literatura infantil e juvenil, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Doutorando em Teoria da Literatura, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e responsável pela formação de inúmeros grupos de contadores de histórias espalhados pelo país. Tem mais de 40 livros publicados para crianças e jovens e vários prêmios pela qualidade de sua obra, dentre eles o prêmio de autor revelação (FNLIJ, 1994) e ilustrador revelação (FNLIJ, 1999).

<sup>3</sup> - Artigo publicado no livro "O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil" p. 13-47

<sup>4</sup> - Se o texto escrito já é uma metáfora, a ilustração não seria uma metáfora de uma metáfora? Ou seja, uma metáfora ao quadrado? Uma metáfora dupla?

<sup>5</sup> - Literato aqui é usado por Lewis para designar o leitor experiente, com grande repertório de leituras canônicas, com grande sensibilidade desenvolvida para o campo literário, exatamente pela prática, pela frequência, em contraposição ao leitor esporádico, eventual.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

GÓES, Lúcia Pimentel & ALENCAR, Jakson de (orgs). **A alma da imagem: a ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores**. São Paulo, Paulus, 2009.

OLIVEIRA, Ieda de. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador**. São Paulo, DCL, 2008.

OLIVEIRA, Rui de. **Pelos jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008.

LEWIS, C. S. **Um experimento na crítica literária**. Trad. João Luís Ceccantini. São Paulo, Editora UNESP, 2009.